

O CATÁLOGO DAS NEREIDAS.
PARA UMA ARQUEOLOGIA DA IDÉIA DE CATEGORIA
DESDE AS FORMAS HOMÉRICAS DE CLASSIFICAÇÃO
THE CATALOGUE OF THE NEREIDS. TOWARDS AN ARCHEOLOGY
OF THE CONCEPTION OF CATEGORY FOLLOWING
HOMERIC FORMS OF CLASSIFICATION

FERNANDO SANTORO*

Resumo: Partindo da hipótese de que toda linguagem abriga formas de conhecimento e visão de mundo, e que as formas do discurso de conhecimento filosófico e científico são transformações específicas de formas de conhecimento preexistentes, o artigo examina o *Catálogo das Nereidas*, em Homero e Hesíodo, como exemplo de discurso categorial, nele compreendidas as relações de subordinação, atribuição e inerência.

Palavras-chave: discurso categorial; épica; sujeito; predicado.

Abstract: Starting from the hypothesis that all language includes within itself some form of knowledge and world-view, and that the forms of philosophical and scientific discourse are specific transformations of pre-existing knowledge, this article considers the Catalogue of the Nereids in Homer and Hesiod and analyzes it as a perfected example of categorical discourse, with its relationships of subordination, attribution and inherence.

Keywords: categorical speech; epic; subject; predicate.

*Les facultés de définir, de déduire, d'induire, sont généralement considérées comme
immédiatement données dans la constitution de l'entendement individuel.
[...] on ne songeait même pas qu'elles aient pu se former par un pénible assemblage
d'éléments empruntés aux sources les plus différentes,
les plus étrangères à la logique, et laborieusement organisés.¹*

Ao apresentar a sua tábua de categorias, na terceira seção da Analítica dos conceitos, Kant faz uma observação interpretativa sobre a gênese das categorias

* Fernando Santoro é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: fsantoro@matrix.com.br

¹ MAUSS, M. *De quelques formes primitives de classification*. Paris: Minuit, 1968 (1903).

aristotélicas, contrapondo esta gênese ao modo como ele próprio, Kant, engendrou a sua lista de categorias enquanto conceitos puros do entendimento:

A procura destes conceitos fundamentais foi empresa digna de um espírito tão perspicaz como Aristóteles. Como, porém, não estava de posse de um princípio, respigou-os à medida que se lhe deparavam e reuniu assim primeiramente dez, a que deu o nome de categorias (predicamentos).²

A observação de Kant suscita a reflexão sobre o problema central com que vamos nos deparar nas investigações seguintes: não apenas como se descobrem as categorias, sejam as dez de Aristóteles, sejam as doze de Kant, mas: como vem a ser a idéia mesma de categoria e como torna-se determinante para o nosso modo científico ocidental de conhecer. Serão as categorias formas inatas das funções cognitivas do homem ou são elas criadas e cultivadas historicamente dentro de culturas específicas? Caso assim sejam, como acontece essa criação e cultivo? São as categorias formas típicas de um certo modo de conhecer? Qual seria este modo? São as categorias realidades das coisas mesmas ou algo separado delas? São as categorias elementos do ser, da razão, do pensamento, da linguagem ou apenas das línguas? Muitas são as questões – certamente não são questões de resposta simples ou cabal, mas um primeiro passo no que entendemos ser o caminho da reflexão filosófica já é pôr com alguma clareza, ou melhor, com algum espanto, um rasgo de ignorância sobre o modo mesmo que usamos para conhecer: essa nossa forma categorial de predicar atributos a um sujeito.

Voltemos àquela passagem da *Crítica da Razão Pura*. Além do problema central da origem das categorias, o modo como Kant aborda a diferença de seu empreendimento em relação ao de Aristóteles também nos instiga algumas considerações prévias. Se, para Kant, Aristóteles é perspicaz o bastante para buscar tais conceitos fundamentais, não está de posse e não tem domínio sobre o princípio transcendental que os engendra: a unidade proveniente da síntese pura das representações numa intuição. Como esta síntese, segundo Kant, é conferida pela mesma função do entendimento que dá unidade às diversas representações num juízo, as categorias serão tantas e tais quanto o conjunto das funções lógicas em todos os juízos possíveis. Para cada gênero de juízo possível, uma categoria do entendimento; donde a completa correspondência entre a tábua dos juízos e a das categorias. Assim, Kant pode pôr as categorias para cada uma das três ocorrências da Quantidade, das três ocorrências da Qualidade, e também da Relação e da Modalidade, perfazendo seus doze conceitos puros do entendimento, suas doze categorias, ao completar cada casa da tábua ou matriz que ele

² KANT, Immanuel, *Kritik der reinen Vernunft*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buch-gesellschaft, 1956-1983. Trad. Santos e Morujão, p. 111.

previamente dispõe. Por isso, vai determiná-las como sendo: “conceitos de um objeto em geral, por intermédio dos quais a intuição desse objeto se considera determinada em relação a uma das funções lógicas do juízo.”³

O princípio de que Kant “estava de posse” é, no entanto, mais do que a orientação da correspondência entre as categorias e os juízos. O princípio, ao qual não apenas Kant, mas toda a Modernidade se agarra e alavanca todo o seu conhecimento, “o princípio supremo de todo o conhecimento humano”⁴, é o que opera a própria síntese das representações diversas numa unidade e permite a ligação em juízos, isto que se descobre como a unidade da apercepção, que acompanha todo juízo, e acontece quando eu penso, e me represento para mim mesmo que penso – isto que também chamamos de Cogito Cartesiano. Este princípio é o fundamento de todo conhecimento objetivo na consciência, o qual apresenta as categorias como conceitos do entendimento que se originam no Eu, quer dizer, no sujeito transcendental que pensa e, assim, nos juízos pensados, faz a ligação entre sujeito e predicado. Obviamente, Aristóteles, como toda a Antigüidade, não está de posse deste princípio.

Para figurar a falta de um princípio ordenador, diz Kant que Aristóteles os respigou (*auffraffte*) à medida que se lhe deparavam, e os foi reunindo, primeiro dez, depois mais cinco, misturando aos conceitos do entendimento também modos da sensibilidade (*quando, ubi, situs, primus e simul*) e empíricos (*motus*) bem como outros conceitos derivados dos primitivos (*actio e patio*), deixando outros lado de lado.

Também, de certo modo, Kant tem razão em dizer que Aristóteles os respigou e reuniu, em vez de propô-los positivamente desde um princípio do qual detivesse a posse. As categorias de Aristóteles não são conceitos a priori com os quais a razão apodera-se da realidade, mas também não são colhidos tão a esmo como a Kant lhe parece. As categorias são, para Aristóteles, múltiplos modos de dizer o que é, *pollakos legomena*, expressão para a qual ainda havemos de retornar. E todas as categorias se dizem de um sujeito primeiro e são relativas a ele, que é uma essência (*ousia*) que pode suportar em seu ser aqueles predicamentos, as categorias. As categorias de Aristóteles, têm portanto um princípio orientador que é o dizer algo de um certo modo de uma essência. Se Kant já achou desordenada a tábua de categorias aristotélicas, imagine-se o que não diria das categorias que Borges⁵ encontrou em “certa enciclopédia chinesa” e

³ KRV, p. 127.

⁴ KRV, p. 134.

⁵ BORGES, J. L. *Outras Inquisições* (1952). O idioma analítico de John Wilkins, in: *Obras Completas V. II*. São Paulo: Globo, p.94

que Foucault comenta belamente na introdução de seu *As palavras e as coisas*. Trata-se de uma repartição de animais que...

... se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo l) *et coetera*, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas.⁶

Desconfio, com alguma reserva, que a “enciclopédia chinesa” que inspirou Borges é o Livro de Cabeceira de Sei Shonagon, dama de honra da princesa Sadako, escrito no séc. XI. É um livro de uma profunda sensibilidade, todo composto de listas que não apenas enumeram coisas, mas as classificam e avaliam. Listas que acabam descrevendo muito mais a percepção e a perspectiva de mundo de quem enquadra daquela maneira aquelas coisas. Talvez Kant não reconhecesse ali nem uma tábua de categorias nem sequer um discurso de conhecimento. Mas há, no livro de Sei Shonagon, uma sabedoria reflexiva que nos é essencial para a investigação sobre as categorias como formas de dizer e conhecer o real. Antes de tudo, suas listas são recortes absolutamente cientes da própria parcialidade e perspectivismo, tal como no item “h” da lista borgiana, em que isto se expõe objetivamente. Outro ponto claro é o fato de ser um texto literário e, portanto, as categorias são claramente formas de dizer os entes, produzidas num contorno cultural, não são categorias inatas, são claramente produtos artificiais (poéticos) e a percepção das coisas que elas englobam as precedem. Poderíamos também pensar que é este caráter poético literário que torna suas listas parciais e perspectivistas, ao passo que se fossem verdadeiramente científicas seriam objetivas e imparciais. Sei Shonagon exprime com aquelas listas de cabeceira a intimidade de sua visão. Mas em tal expressão não deixa de ser exposto um certo conhecimento, ainda que seja o conhecimento restrito de uma visão de mundo. Mas quando é que não estamos determinados por uma visão de mundo? Não é a própria cientificidade uma certa visão de mundo? Não podemos investigar a gênese dessa visão de mundo científica e filosófica assim como investigamos a intimidade da dama de honra: expondo os valores e hierarquizações, as formas de ordenar e classificar as coisas e, principalmente o modo de dizer o que elas são?

Nossa hipótese de trabalho é que toda linguagem abriga formas de conhecimento e visão de mundo e que as formas do discurso de conhecimento filosófico e científico são transformações específicas de formas de conhecimento

⁶ *Id.*

que preexistem nos modos de expressão anteriores ao discurso filosófico e científico. Quer dizer que temos, por natureza, uma predisposição para conhecer e dizer o mundo, mas que o modo como o dizemos transforma-se histórica e culturalmente, como disse Marcel Mauss, “por uma penosa reunião de elementos recebidos das mais diferentes fontes, as mais estranhas à lógica, e laboriosamente organizados”⁷. Não passamos a conhecer apenas quando surgiu o discurso da filosofia e da ciência, mas aquele momento de surgimento reúne um processo de transformações importantes na linguagem.

O discurso categorial do tipo “sujeito é predicado”, em que o sujeito suporta as categorias que o manifestam é o modelo típico da nossa frase ocidental de conhecimento. Poderíamos encontrar modelos de linguagem e visão de mundo desde os quais pudéssemos pensar e acompanhar uma transformação na ordem e disposição das palavras para vislumbrar uma hipotética gênese estrutural daquela frase? É o que pretendemos esboçar, buscando primeiro algumas características semelhantes às do esquema das categorias em figuras de linguagem de textos anteriores ao surgimento da filosofia.

Um texto clássico usualmente apresentado como fronteira entre as formas míticas e orais de conhecimento, de um lado, e articulação conceitual e categorial filosófica, de outro, é a *Teogonia* de Hesíodo. Trata-se de uma narrativa genealógica dos deuses gregos, desde o Caos até a contemporaneidade do poeta. Engendrando os deuses, o poema vai concomitantemente engendrando todo um mundo, com seus elementos e forças naturais, com seus valores e as tensões, harmonias e conflitos que envolvem esses elementos. Assim, a *Teogonia* é claramente também uma cosmogonia em que um mundo inteiro é expresso, e ainda, para nós que a lemos, a expressão de uma bem articulada visão de mundo. Uma visão de mundo em que os elementos e forças constituintes são os deuses que agem e relacionam-se entre si como se fossem humanos: amando, procriando, tomando o poder, fazendo alianças, cometendo violências, guerreando. Esta visão de mundo que dá forma humana aos deuses que constituem os elementos estruturantes do mundo é tradicionalmente compreendida como uma visão alegórica, em que os deuses antropomórficos são imagens metafóricas dos elementos naturais como o sol e a terra ou de valores abstratos como o amor e a justiça.

No entanto, para haver metáfora ou alegoria, é preciso já haver clareza dos conceitos de elementos naturais e valores abstratos, conceitos que propriamente só aparecem com o surgimento da filosofia, cuja primeira atitude é justamente

⁷ MAUSS, M. *Euvres 2. Représentations collectives et diversité des civilisations*. Paris: Minuit, p. 13, 1968 (1903).

criticar o valor de verdade das palavras míticas de Hesíodo, Arquíloco, Homero... Só pode haver propriamente metáfora e alegoria quando a Filosofia já está consolidada. Por isso, as teorias literárias da metáfora e mesmo as interpretações alegóricas dos poemas épicos surgem apenas no Helenismo tardio, em filósofos estóicos como Cornutus, ou em escolas de gramática como a de Pérgamo. Os deuses míticos que aparecem na ordenação cósmica da *Teogonia* não são metáforas de conceitos filosóficos que ainda não existem. Mas, se podemos relacionar a teologia genealógica de Hesíodo com elementos das cosmologias fisiológicas dos primeiros filósofos, numa interpretação de tipo alegórico ou até mesmo numa crítica à forma antropomórfica daqueles mitos – isto só é possível porque de certo modo há uma semelhança prévia e mesmo uma identidade de propósitos. A identidade de propósitos está em que tanto a filosofia quanto a poesia tradicional épica visam educar o jovem nos conhecimentos e valores básicos, gerais, indispensáveis para uma visão global de mundo. A semelhança prévia, que vemos na *Teogonia* ainda mais do que em outros poemas épicos, está numa certa articulação das palavras em relações próximas às relações categoriais do discurso científico e filosófico. Esta semelhança é que nos faz supor que esta articulação de palavras pode ser um esquema “protocategorial”. Esta suposição genética não visa mostrar uma evolução de formas primitivas de conhecimento até formas mais desenvolvidas; uma perspectiva genealógica busca entender o desdobramento de um processo histórico, mas não tem que ser necessariamente evolucionista valorando o posterior como melhor, tampouco como pior. No caso de formas de conhecimento como as categorias o que nos interessa é antes a espontaneidade criadora da linguagem que desde suas experiências livres descobre formas de entrelaçar as palavras e com elas tecer a trama de uma compreensão de mundo.

Em se tratando de uma genealogia, a *Teogonia* apresenta uma relação recorrente entre entidades divinas: a relação de parentesco filial. Esta relação recorrente engendra grupos e subgrupos identificados pelo fato de serem os seus membros irmãos entre si e filhos de um certo pai ou mãe (note-se que os deuses não precisam ter necessariamente pai e mãe, o que é até menos freqüente). Estes grupos são os chamados “catálogos” de deuses, listas às vezes bem extensas de filhos de um mesmo deus. Catalogar, em grego *katalegein*, significa reportar passo a passo, em detalhe, determinado assunto ou acontecimento. Como quando depois de Nestor fazer uma lista de perguntas a Telêmaco (Quem sois? Donde vindes? Que fazeis?)⁸, este diz que vai responder ponto por ponto · ε)γωῦ δέ κέ τοι καταλέγω. Esses catálogos detalhados é que nos parecem proto-esquemas categoriais, que

⁸ HOMERO, *Odisséia*, III, 69-80.

já se afastam da narrativa, aproximando-se de um discurso de tipo predicativo, declarativo, apofântico. Notemos: se não quaisquer catálogos, especialmente estes catálogos de deuses que preenchem a maior parte da *Teogonia* de Hesíodo. Há outros catálogos na poesia épica que não preenchem tão bem as características que os aproximam do esquema categorial. Estas características são basicamente três relações mais ou menos explicitadas: subordinação, atribuição, inerência. Nem todos os catálogos preenchem satisfatoriamente estas características, sendo apenas listas de elementos de um mesmo tipo ou gênero. Por exemplo, a listagem de navios e tribos e chefes apresentada no segundo canto da *Ilíada* de Homero é um detalhado inventário dos gregos que estão assaltando Tróia, inventário como a maioria dos textos em escrita pré-alfabética encontrados em tabuletas pela arqueologia. Não se trata de uma descrição dos gregos por suas características ou predicados, mas sim de apontar e reunir todos os gregos um por um, ou cento por cento, o que dá no mesmo. As informações relevantes, além da lista de nomes e povos, circunscrevem-se à geografia das regiões que abrigam esses povos – ainda que de um ponto de vista genealógico e etnológico, a região e a pátria tenham um significado importante de caracterização, sobretudo para a guerra.

Os catálogos de deuses da *Teogonia* de Hesíodo têm outras características que os aproximam ainda mais do discurso categorial. Primeiro, e diferentemente dos demais catálogos enumerativos, há a relação de subordinação entre pai e filhos, onde muitas vezes o nome do pai é um nome comum levado à condição de Antropônimo: como Terra, Céu, Mar; e onde muitas vezes também os filhos têm nomes que abarcam o campo semântico aberto pelo pai. Os filhos podem apontar efeitos, ou partes ou características do pai. Muitas vezes os filhos são explicitamente adjetivos de qualidade e não fica longe a relação de atribuição destes predicativos ao sujeito que é o pai. Temos de modo bastante claro um proto-esquema da relação categorial entre uma entidade subjacente e seus predicados.

Vejamos o exemplo do *Catálogo das Nereidas* que aparece entre os versos 240 e 264 da *Teogonia*, na tradução de Jaa Torrano, que tem a vantagem de nos traduzir quase todos os antropônimos⁹ das deusas marinhas.

240 De Nereu nasceram filhas rivais de Deusas
no mar infecundo. Dádiva de belos cabelos
virgem do Oceano, rio circular, gerou-as:

⁹ É uma iniciativa totalmente acertada de tradução, seguida por Haroldo de Campos em sua tradução da *Odisséia*.

Primeira, Eficácia, Salvante, Anfitrite,
 Doadora, Tétis, Bonança, Gláuca,
 Ondaveloz, Gruta, Veloz, Marina amável,
 Onidéia, Amorosa, Vitória de róseos braços,
 Melita graciosa, Portuária, Esplendente,
 Dadivosa, Primeira, Portadora, Potente,
 Ilhéia, Recife, Rainhaprima,
 250 Dádiva, Onividente, formosa Galatéia,
 Eguaveloz amável, Égua-sagaz de róseos braços,
 Pega-onda que apazigua no mar cor de névoa
 facilmente a onda e o sopro de fortes ventos
 com Aplana-onda e Anfitrite de belos tornozelos,
 Ondeia, Praia, a bem-coroada Rainhamarina,
 Glaucaartilha sorridente, Travessia,
 Reúne-gente, Reúne-bem, Rainha-das-gentes,
 Multi-sagaz, Sagacidade, Rainha-solvente,
 Pastora de amável talhe e perfeita beleza,
 260 Arenosa de gracioso corpo, divina Eqüestre,
 Ilhoa, Escolta, Preceitora, Providência
 e Infalível que do pai imortal tem o espírito.
 Estas nasceram do irrepreensível Nereu,
 cinquenta virgens, sábias de ações irrepreensíveis.

Todas as deusas designam qualidades marinhas, e praticamente todas são morfologicamente adjetivos femininos. Poderiam todas ser características do Mar, ou de uma região do mar. Pelos topônimos existentes (pelo menos quatro: Melita da ilha de Malta, Dádiva da Dória, Onividente de Pánope e Galatéia de Galate), essa região seria o mar Egeu. Nereu seria um deus dessa região, ou, quem sabe, um nome antigo do mar.

Há, porém, uma pequena discrepância sintática nessa interpretação: é que Nereu é um nome masculino e todas as suas filhas são adjetivos femininos. Não é um problema tão grave, afinal poderiam ser as virtudes (*aretai*) do velho do mar assim como, na própria *Teogonia*, Zeus se une às virtudes que precisa para governar: Astúcia (*Metis*), Justiça (*Themis*), Magnanimidade (*Eurynome*), Fertilidade (*Deméter*), Memória (*Mnemosyne*), Resplendor (*Leto*), Zelo (*Hera*) etc. Aventuro, no entanto, uma outra hipótese, fruto de um detalhe próprio ao catálogo das Nereidas. É que este catálogo, de estrutura típica das genealogias hesiódicas, possui uma certa independência em relação à própria *Teogonia*, pois já apareceu em outro poema, a *Ilíada* de Homero, remontando talvez a uma tradição anterior a ambas. Talvez não apenas a uma tradição oral como as

que compõem os cantos homéricos, mas até mesmo a uma tradição já escrita, visto que a estrutura de listas e inventários já aparece em vestígios de silabários pré-alfabéticos.

Vejamos a versão mais reduzida do Catálogo (com 33 em vez de 50 Nereidas) no canto XVIII da *Ilíada*:

- 37 Cai em prantos em seguida; deusas, então, reúnem-se ao seu redor,
- 38 Nereidas, todas quantas havia pelo fundo do mar.
- 39 Logo lá estavam Gláucia e Generosa e Levamar,
- 40 Ilhoa e Côncava, e Ligeira e Salina de olhar taurino,
- 41 Célere-das-Ondas e também Ribeirinha e Praiaira
- 42 E Malta e Vívida e Agitada e Brillhante,
- 43 Dádiva e Primeira também, Cargueira e Poderosa,
- 44 Acolhedora e Pretendente e Bem-trançada foi lá,
- 45 Dória e Boavista e Plácida maravilhosa,
- 46 Infalível e ainda Certeira e Bem-guiada.
- 47 Pronto lá estavam Célebre, Divamar e Guiomar,
- 48 Impetuosa e Fragorosa e Arenita de lindos cachos,
- 49 Diversas Nereidas que havia pelo fundo do mar.

O Catálogo da *Ilíada* tem um campo semântico mais restrito e mais consistente que o de Hesíodo, que parece ter acrescentado outros nomes femininos e marinhos até completar a cifra redonda de 50. Já, no canto XVIII, não há um nome de Nereida que não caia bem como nome de uma nau; fica claro porque então são todas qualidades no gênero feminino. Segundo essa hipótese, os nomes das deusas seriam predicados de cada nau e não qualidades de Nereu ou de uma região do mar. Mas, indiretamente, o campo semântico de uma frota de naus egéias acaba por descrever a vida, as atividades, as cidades, os recantos do mar. Nereu, pai dessas naus, quem seria? Um velho armador, um construtor de barcos, o proprietário ou comandante de uma frota? Nereu aparece na Teogonia como um ancião “sem mentira nem olvido” (*apsêudea kai aléthea*). A sua afamada verdade seria fruto de uma grande perícia? Ou ainda, se pensarmos no contexto doloroso do pranto de Tetis consolando o filho Aquiles que chora copiosamente a morte do amante Pátroclo; contexto em que as Nereidas aparecem, não poderíamos pensar num rito fúnebre em que várias naus naufragadas fossem liturgicamente invocadas num canto de

despedida, uma litania?¹⁰ Nereu, pai dessas naus, o destino infalível (*Nemertés*) que as traga para o fundo? Conjecturas... Conjecturas...

O fato textual é que se estabelece uma lista de predicados, todos subordinados a um substantivo por relações que se aproximam da inerência e da atribuição. Essa estrutura de exposição de conhecimentos é que tendemos a ver como um proto-esquema categorial; como uma figura de linguagem que será posteriormente apropriada pelo discurso silogístico da filosofia e ciência ocidental. Esse esquema vai ganhar a filosofia pelo poema de Parmênides, onde serão expostos os sinais do ente (*sémata tôn ontôn*) – é o célebre fragmento B8 do poema. Já o analisamos em outra ocasião¹¹.

Aristóteles, como filósofo que perscruta o dizer do ente, numa tradição que provém de Parmênides, passando por Platão, irá apropriar-se e explicitar ainda mais a estrutura de conhecimento cujo esquema lingüístico já se dá a ver nos catálogos hesiódicos e homéricos. Mas suas categorias não foram respigando-lhe a esmo, como supôs Kant. Elas seguem uma listagem tópica cujo registro pertence aos primeiros discursos escritos – os discursos de acusação e defesa dos tribunais. Registro cuja riqueza também merece um aprofundamento à parte. Assim, Aristóteles será bastante coerente ao designar as múltiplas formas de dizer o ente com o termo *kathgoría*. O que é uma *kathgoría* no uso coloquial da língua grega? É uma acusação. A palavra *kathgoría* é a realização, no grego coloquial clássico do séc. V, da ação de acusar: *kategorein*, feita por um promotor acusador: *hō kathgorós*. A acusação, além de *kathgoría*, também, normalmente, é designada simplesmente como “discurso” (*lógos*).

Onde encontramos exemplarmente o uso destes termos é na *Apologia de Palamedes por ele mesmo*, discurso do maior retórico grego do séc.V a.C., Górgias de Leontino. Uma “apologia”, ao pé da letra: “discurso (*lógos*) a partir de (*apō*)”, é um contra-discurso, quer dizer, uma defesa a partir de uma acusação. Górgias, em seu discurso, assume a personagem de Palamedes, para rebater as acusações que lhe são impingidas. O seu discurso é efetivamente um discurso de desconstrução do *lógos* do acusador (*kathgorós*), que deve responder a cada tópico e subir degrau por degrau os indícios em que desceu a acusação. Em uma de suas desconstruções apologéticas, Górgias rebate interrogando o acusador em sua capacidade de acusar: *ὡ μὲν οὐκ ἦν ἡδωῶν, φράσον τοῦ τοῖς <τὸν τρόπον>, τὸν τὸ πον, τὸν ξρόνον, πότε, που=, πωῆς εἰῦδες·*

¹⁰ As práticas de enumeração catalogica aparecem em diversos ritos arcaicos: oferendas votivas, etapas iniciáticas, epifanias.

¹¹ *Tā sémata : para una genealogía de la idea de Categoría*, Buenos Aires, 2007.

(82 B 11a, 26 ss. (D.K.) – “Se realmente viu, aponte para estes: o modo, o lugar, o tempo, quando, onde, como viste”.

O que o acusador aponta, senão justamente as categorias, nos termos mesmos que Aristóteles utilizará: *póte, poiú, pôs* – “quando”, “onde”, “como”? Acusar, pois, é apontar as categorias! Apontar e mostrar os sinais que caracterizam a culpa (*aitía*) do réu. O que é, então, conhecer no discurso? Trata-se de apontar e mostrar os sinais em que o ente pode ser dito. E despejar estes sinais numa catarata de atributos. O verbo “ser” não é uma mera partícula de articulação copulativa, mas desenvolve a ação concreta de apontar, assinalar, mostrar – e reunir os atributos em uma seqüência sem narrativa. O fundo concreto de articulação sintática é proveniente do ato de alguém (o falante) apontar sinais em outrem (o “acusado”) que revelam o que o caracteriza (e que o requisita a ser o que é – sua causa, sua “culpa” – *aitía*). Neste caso do conhecimento, porém, o acusado não é apenas o réu-ouvinte (*res*, o objeto), mas é o próprio ente subjacente, a substância, a essência que ocupa a função de sujeito da frase. Para cá, nos vão levar os esquemas de catálogos da poesia épica, apropriados pela linguagem apartada da narrativa mítica que se constitui na reunião de proposições categóricas (*sylogizomai*), este nosso estilo (*léxis*), esta nossa frase por excelência da filosofia e das ciências.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES, *Categoriae et Liber De Interpretatione*. Oxford: Clarendonian press, 1949,1989 (Ed.L.Minio-Paluello).
- AUBENQUE, P. *Le Problème de l'être chez Aristote*. Paris: PUF, 1962, 5ª ed. 1983.
 ———(Ed.) *Concepts et Catégories dans la Pensée Antique*, Paris, Vrin, 1980.
- BARATIN, M. & DESBORDES, F. *L'analyse linguistique dans l'antiquité classique*. Paris: Klincksieck.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale* (2v.). Paris: Éditions Gallimard, 1992.
- BODÉÛS, R. *Aux origines de la doctrine aristotélicienne des catégories*. In: Revue de Philosophie Ancienne, nº 1, 1984, pp. 121, 137.
- BORGES, J. L. *Obras Completas*. São Paulo: Globo, 1999.
- CASSIN, B. *Aristote et le logos*. Paris: PUF, 1997.
- CAUQUELIN, A. *Aristote. Le langage*. Paris: PUF, 1990.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, nouv. ed., 1999.
- COULOUBARITSIS, L. *Fécondité des pratiques catalogiques*. In: Kernos, 19, 2006 pp. 249-266.

- DIELS, H. & KRANZ, W., *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Zürich: Weidmann, 1996.
- HAVELOCK, E. *A Revolução da Escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. São Paulo: Paz e Terra, 1994, (Ed. O.E. Serra).
- HERACLITO. *Allégories d'Homère*. Paris: Les Belles Lettres, 1962 (Ed. F. Buffière).
- HESÍODO. *Teogonia*. Niterói, EDUFF, 1996 (Ed. A.L.Silveira e M.T.A. Lyra).
 ——— *Teogonia. A origem dos deuses*. São Paulo, Iluminuras, 1992 (Ed. Jaa Torrano).
- HOMERO. *Opera* (4v.). Oxford: Clarendonian press, 1990 (Ed. Allen).
 ——— *Iliade*. Paris: Éditions Gallimard, 1987 (Ed. P.Mazon).
 ——— *Iliade*. Paris: Hachette (Ed. A.Pierron).
 ——— *Odisséia*, São Paulo, Mandarin, 2001 (Ed. H. Campos).
 ——— *Odissée*, Paris, Belles Lettres, 1947 (Ed. V. Bérard).
- KANT, I. *Kritik der reinen Vernunft*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buch-gesellschaft, 1956-1983 Bd. 3.
- MATTÉI, J.F. (org.). *La naissance de la raison en Grèce*. Paris: PUF, 1987.
- MAUSS, M. *Euvres 2. Représentations collectives et diversité des civilisations*. Paris: Minuit, 1968 (1903).
- MURACHCO, H. *Língua Grega: visão semântica, lógica, orgânica e funcional*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PORFÍRIO. *Isagoge*. Lisboa: Guimarães, 1994 (Ed. P. Gomes).
 ——— *On Aristotle's Categories*. Ithaca: Cornell, 1992 (Ed. R. Sorabji).
- SHONAGON, S. *The Pillow Book*. Kessinger, (tr. A. Waley) 2005.

[recebido em novembro 2007; aceito em março 2008]